

## GRUPO FOCAL NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO

**Patrícia Sara Lopes Melo<sup>1</sup>-UFPI**  
(Patricia.lopesmelo@gmail.com)  
**Waldirene Pereira Araújo<sup>2</sup>-UFPI**  
(waldirene-pereira@hotmail.com)

### RESUMO

O presente artigo tem por objetivo caracterizar o uso do grupo focal na pesquisa em educação de natureza qualitativa. Será explicitada a utilização de grupo focal como meio de pesquisa em campos diversificados do conhecimento humano, destacando que o grupo focal se diferencia dos outros instrumentos, por proporcionar quantidade e qualidade de dados sem perder a unidade de análise proposta no estudo. Com vistas um melhor esclarecimento o texto foi organizado em três sessões: a primeira refere-se à organização e o desenvolvimento do trabalho com grupos focais; a segunda se ocupa das análises dos dados na realização do grupo focal; já a terceira centra-se na perspectiva de revelar os sentidos e significados obtidos na análise dos grupos focais. Nesse sentido, o Grupo Focal tem sido utilizado em pesquisas qualitativas com o objetivo de coletar dados através da interação grupal, podendo ser utilizado em pesquisas que necessitem de um método independente, servindo como a principal fonte de dados qualitativos, assim como ocorre em pesquisas que usam a entrevista individual ou a observação participante.

**Palavras-chave:** Grupo focal. Metodologia de pesquisa. Educação.

### ABSTRACT

This article aims to characterize the use of the focal group in the qualitative nature education research. The use of focal group as a research way in diversified fields of human knowledge is going to be explained, highlighting the fact that the focal group is different of the other instruments, because it provides data quantity and quality without losing the analysis suggested in the study. Aiming a better clarification, the text was organized in three sections: the first talks about the organization and development of the work with focal groups; the second refers to the data analysis in the achievement of the focal group; the third refers to the perspective of revealing the meaning obtained in the focal group analysis. In this sense, the focus group has been used in qualitative researches wanting to collect data through the group interaction, so, it can be used in researches that need an independent method, serving as the main qualitative data source, like in the researches that use the individual interview or the participant observation.

**Keywords:** Focal group. Research methods. Education.

---

<sup>1,2</sup> Mestrandas da 18ª turma do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da UFPI.

## **Introdução**

Nos últimos vinte anos, ao mesmo tempo em que observamos um grande crescimento no número de pesquisas na área de educação no Brasil, oriundo principalmente da expansão da pós-graduação, percebemos também mudanças nas temáticas e problemas, nos referenciais teóricos, nas abordagens metodológicas e nos contextos de produção de trabalhos científicos. Assim ao optarmos por abordar o Grupo Focal na pesquisa em educação, enfatizamos que esse debate recebe destaque, nesse momento introdutório, por sua importância como ferramenta de pesquisa qualitativa que propicia a identificação de tendências, sendo que o foco desvenda problemas na busca da agenda oculta do problema, visando compreender e não inferir nem generalizar, permitindo a reflexão em busca do que é essencial.

Portanto, verificamos que no âmbito das abordagens da pesquisa qualitativa, o grupo focal vem sendo cada vez mais utilizado conquistando um *locus* privilegiado nas mais diversas áreas de estudo, convém esclarecer que os participantes devem ter alguma vivência com o tema a ser discutido, de tal modo que sua participação possa trazer elementos ancorados em suas experiências cotidianas.

Objetivando caracterizar o uso de grupos focais na pesquisa em educação, assim como contribuir para o entendimento e a superação de problemas, apresentamos a seguir uma descrição analítico-explicativa sobre a aplicação do uso de Grupos Focais. Sua organização adota uma diretriz didático-pedagógica que envolve a apresentação por tópicos dos temas discutidos, aos quais se seguem a explicitação de suas características. A parte do texto sobre “O desenvolvimento do trabalho com Grupos Focais” constitui-se de apresentação do histórico, conceito e os procedimentos para a aplicação da referida técnica. Em continuidade, “Análise dos Dados na realização do Grupo Focal” é apresentada uma abordagem analítica das interações, por último, “Sentidos e significados na análise dos Grupos Focais”, são tratados os momentos na construção dos registros de análise e as seqüências de interações.

## **Desenvolvimento do trabalho com Grupos Focais**

O grupo focal vem sendo empregado há muito tempo, sendo primeiramente mencionada como técnica de pesquisa em *marketing* nos anos 1920 e usada por Robert Merton na década de 1950 para estudar as reações das pessoas à propaganda de guerra,

nos anos 1970 e 1980 o uso de grupos de discussão como fonte de informação em pesquisa foi comum em áreas muito particulares, no início dos anos 1980 houve a preocupação em adaptar essa técnica ao uso na investigação científica (GATTI, 2005).

Neste sentido, o trabalho com grupos focais permitiu compreender os seguintes aspectos: processos de construção da realidade por determinados grupos sociais; práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes. Assim, constitui-se uma técnica importante para o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham alguns traços em comum, relevantes para o estudo do problema visado.

No entanto, chamamos a atenção em quando não utilizar grupos focais, pois como muito bem pontua Barbour (2009, p. 41) “Existem, contudo, algumas situações em que o uso de grupos focais seria desaconselhado. Eles não são, por exemplo, o primeiro método de escolha quando o objetivo é manter narrativas individuais”. Esclarecemos que a questão é que terão vários participantes competindo para contar suas histórias e possivelmente produzirá “ruído”, tornando os dados difíceis de transcrever. Os grupos focais, também, não são apropriados para avaliar atitudes, pois como nos lembram Puchta e Potter (2002 *apud* Barbour, 2009) atitudes são “desempenhadas” em vez de serem “pré-formadas.” Lembramos ainda alguns aspectos que são considerados quando utilizar o grupo focal em uma pesquisa, por exemplo, não se deve utilizar o grupo focal quando o ambiente está emocionalmente carregado e quando existem outras metodologias que podem trazer melhores informações sobre o problema em estudo e, principalmente, quando não se puder assegurar certa confidencialidade das informações fora do grupo, portanto a elaboração do roteiro deve orientar e estimular a discussão de forma flexível sem perder de vista os objetivos da pesquisa.

Nessa perspectiva, o uso de grupos focais possibilita avaliar projetos de questionários e metodologias culturalmente apropriadas, podem ser usados em uma grande variedade de circunstâncias, incluindo tópicos “delicados”, assim como encorajar participantes relutantes em participar de entrevistas individuais e apropriados para abordar questões do tipo “por que não...?”.

Assim, com o uso dos procedimentos corretos podemos reunir informações e opiniões sobre um tópico em particular, oferecendo oportunidade para o desenvolvimento de teorizações em campo, a partir do ocorrido e do falado,

esclarecemos que a adesão para participar do grupo é voluntária e propicia um momento de desenvolvimento para os participantes, tanto nos aspectos comunicacionais, como nos cognitivos e afetivos. Dessa forma, a escolha da técnica do grupo focal para um trabalho de pesquisa deve orientar-se pela aderência da mesma aos objetivos do estudo e a relevância dos dados que com ela se pode obter para o problema da pesquisa.

Para a composição do grupo Morgan (1998 *apud* Barbour, 2009, p. 87) proporciona um lembrete útil dizendo que “os grupos focais devem ser homogêneos em termos de contexto de vida, não de atitudes”. Esclarecemos, portanto que são estabelecidos alguns critérios associados às metas da pesquisa, sendo importante uma composição que se baseie em algumas características homogêneas dos participantes, mas com variações entre eles para que apareçam opiniões diferentes ou divergentes, sendo que a escolha das variáveis a serem consideradas depende do problema da pesquisa, do escopo teórico em que ele se situa e para quem se realiza o trabalho, outro ponto importante a ser considerado é não se juntar no mesmo grupo pessoas que se conhecem muito, ou que conheçam o moderador do grupo, porém há trabalhos em que a formação do moderador e sua experiência com grupos focais merecem atenção especial.

Tendo em vista a abordagem da questão de quantos grupos focais utilizar é determinada pelas comparações que o pesquisador deseja fazer. Não há um número exato e não é necessariamente melhor, ainda que fazer dois grupos focais com grupos com características similares que possa colocar o pesquisador em solo mais firme em relação a fazer afirmações sobre os padrões dos dados, uma vez que isso sugeriria que as diferenças observadas não são apenas uma característica de um grupo em particular, mas são provavelmente relacionadas às diferentes características dos participantes refletidas na seleção (BARBOUR, 2009).

Neste aspecto, afirmamos que é preciso considerar a homogeneidade e heterogeneidade da população-alvo, assim como o número de membros da equipe envolvida no trabalho ou das possibilidades de apoio financeiro recebido, verificando se a quantidade de informações é suficiente. Com maior profundidade para interação grupal, a dimensão do grupo pode ser, preferencialmente, entre seis a doze pessoas, e para projetos de pesquisa o ideal é não trabalhar com mais de dez participantes.

De acordo com a metodologia do grupo focal, Morgan (1997 *apud* Gondim, 2002) nos diz que um moderador deve procurar cobrir uma máxima variedade de tópicos relevantes sobre o assunto e promover uma discussão produtiva. Nesta perspectiva, Gondim (2002) acrescenta que para conseguir tal intento o moderador

precisa limitar suas intervenções e permitir que a discussão flua, só intervindo para introduzir novas questões e para facilitar o processo em curso.

Corroborando com as orientações dos autores mencionados, chamamos a atenção, também, que não é recomendável dar aos participantes informações detalhadas sobre o objeto da pesquisa. Outro ponto a considerar é sobre as ausências de última hora, pois os pesquisadores devem fazer um trabalho cuidadoso para obter a boa adesão dos participantes, para não prejudicar o atendimento dos objetivos da pesquisa, mediante rearranjos que garantam isso.

Os pesquisadores ao utilizarem grupos focais também precisam ser flexíveis em relação ao espaço onde eles realizam os grupos focais para poderem maximizar a participação. É improvável que haja um ambiente que seja universalmente aceito por todas as pessoas que alguém queira envolver em sua pesquisa. É importante ter em mente a visão parcial que pode ser refletida ao se utilizar um leque de ambientações muito pequeno (BARBOUR, 2009).

Sendo assim, o local dos encontros deve favorecer a interação entre os participantes, propiciando conforto aos mesmos para facilitar diferentes formas de registro, pois há diversas formas de se registrar as interações, tais como o emprego de um ou dois relatores e registro de partes da sessão, de modo que é necessário primar pela formação e preparação dos relatores.

Como forma de registro, outro meio utilizado é a gravação em áudio e, com os devidos cuidados para a obtenção de um bom registro, a utilização do videoteipe, sendo este último meio bastante discutido a sua utilização, por ser considerado, por alguns, intrusivo e por haver algumas dificuldades técnicas. Por isso, há a necessidade da discussão com o grupo antes do trabalho, em que ainda recomendamos o uso de anotações escritas.

Conforme Gatti (2005), o tempo de duração de cada reunião grupal e o número de sessões a serem realizadas depende da natureza do problema em pauta, do estilo de funcionamento que o grupo constituirá e da avaliação do pesquisador sobre a suficiência da discussão quanto aos seus objetivos. Consideramos que para a abertura do grupo é necessário criar condições favoráveis à participação de todos os componentes, sendo que o moderador deve oferecer as devidas informações para o bom andamento dos trabalhos. Portanto, a discussão é aberta em torno da questão proposta, e todo e qualquer tipo de reflexão e contribuição é importante para a pesquisa.

Convém enfatizar que o trabalho não se caracteriza como entrevista coletiva, mas como proposta de troca efetiva entre os participantes, assim o moderador deve explicitar seu papel, com informações necessárias e básicas. Para iniciar o tema é importante propor que cada um dos participantes faça um comentário geral do assunto para a efetivação da troca entre os membros.

Existem outras possibilidades para começar o trabalho com o grupo, segundo Morgan (1997 *apud* Gatti, 2005) um dos caminhos para assegurar um pouco mais de tranquilidade, nesse início de processo, é pedir as pessoas para que usem uns poucos minutos para fazer anotações pessoais sobre a questão inicial, antes de se posicionar diante do grupo. Isto nos possibilita compreender que os primeiros momentos do grupo focal são importantes para o sucesso do trabalho, sendo que a experiência do moderador no trato com grupos lhe dará condições de encontrar meios e expressões que facilitem a dinâmica interativa entre os participantes no âmbito da temática em foco. Objetivando uma melhor compreensão do roteiro a ser utilizado em Grupos Focais podemos citar Gondim (2002, p. 6) que nos alerta ao afirmar que:

[...] um roteiro é importante, mas sem ser confundido com um questionário. Um bom roteiro é aquele que não permite um aprofundamento progressivo (técnica do funil), mas também a fluidez da discussão sem que o moderador precise intervir muitas vezes.

Acrescentamos ainda que, bom roteiro é aquele que não só permite um aprofundamento progressivo, pois a elaboração do roteiro para o trabalho com grupo focal deve ser muito criteriosa e de acordo com os propósitos da pesquisa. Porém, no decorrer da pesquisa a flexibilidade é imprescindível, assim como a sensibilidade do moderador em não forçar o grupo, pois os comportamentos dos participantes são imprevisíveis. Desse modo, o moderador deve se preparar para as diversas situações e ter habilidade de facilitar a conversa e conduzir o grupo com tranquilidade e consistência.

A questão ética merece atenção especial do pesquisador para delinear seu projeto de investigação. Trata-se de garantir a privacidade dos participantes, já que, pelo menos em grupos realizados em laboratório, a gravação em vídeo é fundamental para tal análise. Além disso, o tema pode vir a exigir posicionamentos pessoais que serão revelados a pessoas desconhecidas (GONDIM, 2002).

Nesse sentido, o pesquisador precisa ter os conhecimentos acerca da ética e comprometimento envolvidos com o uso de grupos focais, sendo necessário examinar

as razões pelas quais as pessoas concordem em participar da pesquisa e as responsabilidades da equipe de pesquisa em termos de reciprocidade. Sobre isso, podemos citar Gatti (2005, p. 36), ao nos dizer que:

Há pesquisadores que, ao final do trabalho com grupo focal, aplicam um pequeno questionário propiciando a exposição individual de cada participante por escrito. Outros dão oportunidade aos que queiram, de conversar em particular com o pesquisador/moderador, ou, ainda, de registrar, sem identificação, comentários específicos próprios depois de terminada a sessão grupal.

Na medida em que o grupo se aproxima do final dos trabalhos os participantes devem ser informados para equacionar as últimas participações. Também, é importante esclarecer que o moderador nunca deve expor suas opiniões ou criticar os comentários dos participantes, podendo ser o próprio pesquisador ou outro profissional, experiente, competente e com as habilidades necessárias para conduzir os trabalhos.

Nessa perspectiva, afirmamos que as interações no grupo e a diversidade que emerge levam as pessoas a argumentarem, explicarem suas idéias e formas de pensarem. Assim, o pesquisador deve observar detalhadamente e cautelosamente o que os participantes contam uns aos outros, destacando que a utilização do grupo focal como meio de pesquisa tem peculiaridades que fazem esse uso diferir de seu emprego com outras finalidades, afetando o conjunto da coleta, das formas de condução do grupo focal e da procura de significados que, na pesquisa, se apóia em teorizações e posteriores interpretações, cuja abrangência e propósitos são muito diferentes em relação a outros propósitos.

### **Análise dos Dados na realização do Grupo Focal**

O desenvolvimento dos procedimentos de análise requer estabelecer a vinculação com os interesses da pesquisa e, mais precisamente, quais os objetivos da mesma. Esse posicionamento deve ser a primeira atitude para iniciar a análise, por isso a necessidade dos objetivos estarem bem definidos e claros. Vale acrescentar que estes procedimentos são iguais aos desenvolvidos na pesquisas sociais e humanas de natureza qualitativa (GATTI, 2005).

As pretensões da pesquisa, do objeto de estudo, orientam a construção das análises, caracterizando as perspectivas de abordagens dos dados coletados. Entretanto, em se tratando do trabalho com Grupo Focal, devemos partir do foco central de análise

que segundo Gondim (2002), a unidade de análise é o próprio grupo nas suas interações. Para melhores esclarecimentos acerca do tipo de metodologia a ser utilizada na pesquisa, podemos citar Guimarães (2006, p. 154) quando diz que:

A metodologia da pesquisa, e nela os meios de coleta de dados, é composta por um todo que se indetetermina, envolvendo conhecimentos (da respectiva área em que se investiga) e objeto de estudos, objetivos, concepções da relação sujeito/conhecimento que o investigador tem e o contexto em que ela se insere.

No que diz respeito à abordagem analítica das interações, convém estabelecer que, o ponto de partida da análise, referente às transcrições se estabelecem com a sistematização dos dados, ou seja, com a organização dos dados coletados. Com a intenção de perceber os sentidos das interações na dinâmica do grupo em relação ao tema proposto. Assim, objetivando buscar esses sentidos o pesquisador faz uso de gravações seja em áudio ou em vídeo, na intenção de ir além de um relato estabelecido através de entrevistas ou questionário. É uma visão do contexto das interações, já que os grupos focais tem a capacidade de ir mais adiante do que a pretensão do pesquisador, de modo que proporciona a reflexão dos seus participantes (BARBOUR, 2009).

Uso de gravações são necessárias para acompanhar as discussões, pois as anotações não são suficientes no relatos da dinâmica grupal. As gravações possibilitam ao pesquisador conferir todas as manifestações corporais, tonalidades de voz e outras expressões, que se o pesquisador estiver concentrado em anotar pode não relatar nos seus registros. Esse recurso tem com suporte as transcrições, que devem ser feitas o mais breve possível, que não precisa necessariamente esperar a realização de todas as sessões de grupos focais. Pois, este adiantamento possibilita descrever as interações com uma maior riqueza de detalhes, quanto a percepção de sentimentos, valores, opiniões dos participantes do grupo. Ou seja, os grupos focais não se realizam na perspectiva dos estágios, mas de processos, em que o desenvolvimento das análises se dá concomitantemente à realização das sessões, mesmo que nesse momento seja efetivado o registro através da observação.

Daí a importância do processo de análise na realização do Grupo Focal, que estabelece as propostas da pesquisa, em relação a seus objetivos, tendo como auxílio as teorizações sobre o tema pesquisado. Dessa forma, Gatti (2005, p. 44) define que o “[...] processo de análise é sistemático, claro nos percursos e não espontaneísta”. Isso revela a necessidade da clareza e da ética na apresentação das análises. Por isso a autora, ainda, relata ser proveitoso o acompanhamento da pesquisa por um pesquisador mais



experiente. De certa forma a análise fundamentada na perspectiva teórica deve ocorrer no processo de coleta de dados, não sendo deixado para o final. Isso é o que nos alerta Barbour (2009, p. 65) que “é importante não deixar a questão da abordagem teórica para mais tarde, enquanto se espera para ver que dados são gerados e quais temas emergem”.

No entanto, alguns cuidados precisam ser tomados com a análise dos dados coletados, como por exemplo: não podemos ser influenciados pelos nossos interesses, acarretando uma seleção das informações e desprezando o que não é de interesse; outro cuidado a ser adotado confere ao não estabelecimento de uma análise reducionista, que enfoque ou os participantes ou o grupo isoladamente, sendo que o foco da análise deve recair sobre as interações. Porém, mesmo que a unidade de análise central seja o grupo, se faz necessário evidenciar as vozes individuais, percebendo as razões implícitas no discurso, e a sequência das falas/conversas. Barbour(2009) ainda explicita que o pesquisador pode além de acompanhar as falas pode perceber e relatar os comportamentos não verbais, como os gestos e expressões.

Vale destacar que a possibilidade da técnica de Grupo Focal em propor a complementação de outros instrumentos de coleta e análise dos dados. Quanto a isso Morgan (1997 *apud* Gondim, 2002), estabelece três modalidades de Grupo Focal, que são: grupos auto-referentes, em que são a principal fonte de dados; como técnica complementar, não utilizado como o instrumento principal, mas no auxílio de outras abordagens; como uma proposta de multi-métodos qualitativos, isto é associado a outras técnicas.

Compartilhando da ideia anterior acerca da diversificação da abordagem dos grupos focais Barbour (2009) apresenta possibilidades mais comuns no uso desse método, que pode ser destinado na fase de conhecimento ou exploratória de uma pesquisa, a fim de determinar os instrumentos e abordagem a ser utilizada. Outra abordagem, se refere a adaptação dos questionários ou dos roteiros de entrevistas e apresenta-se como recurso avaliativo do desenvolvimento de instrumentos de pesquisas.

### **Sentidos e significados na análise dos Grupos Focais**

O processo de análise de grupo focal, assim como os dados da pesquisa qualitativa, apresenta uma diversificação das análises, sendo estabelecidos com base nos propósitos da pesquisa e na sua fundamentação teórica que rege os objetivos. Nessa

perspectiva, fazemos uso das perspectivas de Gatti (2005) sobre esse processo, em que estabelecemos dois momentos na construção dos registros de análise.

O primeiro refere-se a organização dos registros através das falas contextualizadas dos participantes, focando a divergência dos relatos, com vistas ao agrupamento dos mesmos, tendo o cuidado em não estabelecer generalizações das opiniões, pois essa atitude reduziria as complexidades das informações. O segundo diz respeito a categorização das opiniões, estabelecendo o comparativo, a análise, o confronto e vinculações entre os agrupamentos. Além de fazer referência as frequências de opiniões mais e menos mencionadas.

Sobre essa abordagem Barbour (2009) revela que na perspectiva de utilização do grupo focal na consecução dos dados obtidos, representa considerar uma amostragem de natureza qualitativa e diversificada, ao invés de agrupá-las em categorias generalizadas, isto é, há a necessidade de existir a conexão entre as categorias, para determinar subcategorias específicas de análise. Entretanto, Barbour (2009, p. 154) nos faz um alerta sobre a determinação de categorias quando afirma que “não é viável trabalhar com a análise de dados como se fosse inteiramente uma ‘tábula rasa’, sem quaisquer concepções prévias do que provavelmente será encontrado”.

O uso de grupos focais possibilitam ao acesso a interações de modo mais expressivo, aprofundado, sendo possível perceber como as opiniões se justificam na dinâmica coletiva. Dessa forma, para manter o foco de análise do grupo focal, que são as interações, há como critério o destaque para a sequência das interações. Pois, possibilita o reconhecimento dos sentidos e significados das expressões, fundamentados em teorizações.

Essa sequência deve estar relacionada aos objetivos da pesquisa, cabendo a nós situar a unidade de análise. Dessa forma a pesquisa com grupos focais busca perceber como os sujeitos recebem e significam as informações propositadas em grupo, de modo que é perceptível que as opiniões reveladas em grupo podem não ser as mesmas concebidas individualmente, já que as atitudes não são fixas. Por isso, Barbour (2009, p. 56) define que os “grupos focais são ótimos para nos permitir estudar o processo de formação de atitudes e os mecanismos envolvidos e na interrogação e modificação de visões”

A análise deve conferir destaque às interações, fazendo a sistematização do desenvolvimento do contexto do grupo, quanto ao seu sentido e compreensão dada pelos indivíduos as temáticas de investigação, isso se vale no momento das transcrições.

Então, para iniciar as análises requer constituir categorias. Assim, objetivando desenvolver a classificação dos dados temos que, primeiramente, estar consciente da possibilidade de propor uma análise reducionista.

Com base nisso, para efetivação da mesma são necessários propor categorias correspondentes aos objetivos a serem alcançados, partindo da sistematização das interações grupais. Pois, essa dinâmica do contexto permitirá conferir o respaldo da análise de grupo focal. Mas, vale lembrar que são as teorizações responsáveis pela construção das categorias, ou seja, a utilização da teoria na fundamentação das análises sobre as interações permite o esclarecimento de códigos de categorias.

A categorização dos dados permite trabalhar com a reflexão através da análise qualitativa, permitindo confirmar as hipóteses e aprofundar as análises. Devido a característica da técnica de Grupo Focal centrada nas interações, expressas através das opiniões contextualizadas referente a determinado tema, se configurando numa abordagem qualitativa, é que alguns especialistas afirmam que a análise quantitativa não contempla as dimensões de abordagens de Grupo Focal (GATTI, 2005). Isso também pode ser evidenciado na citação a seguir

A principal característica da técnica de Grupos Focais reside no fato de ela trabalhar com a reflexão expressa através da “fala” dos participantes, permitindo que eles apresentem, simultaneamente, seus conceitos, impressões e concepções sobre determinado tema. Em decorrência, as informações produzidas ou aprofundadas são de cunho essencialmente qualitativo (CRUZ NETO; MOREIRA; SUCENA, 2002, p. 5).

O Grupo Focal por se tratar de uma abordagem relacionada à participação de sujeitos, não é impossível acontecer imprevistos na efetivação dessas participações. De certa forma, para um melhor desempenho da abordagem Gondim (2002) apresenta regras para facilitar o processo de coleta dos dados, que são: falar uma pessoa por vez, para não atrapalhar a gravação; evitar conversas paralelas entre os participantes; evitar o domínio da discussão por apenas uma pessoa; e estabelecer que todos tenham a oportunidade igual de se expressarem. Essas regras podem garantir que todos falem, na tentativa de superar as intimidações.

Devemos ter consciência que a pesquisa com grupos focais trabalha com a participação de sujeitos. Por isso, o cuidado como pesquisador e participantes, em não direcionar a análise apenas em relação a nossos interesses. Mas isso não impede que o nível de detalhamento necessário para o estabelecimento da codificação de categorias dado pelo pesquisador esteja relacionado aos seus propósitos (BARBOUR, 2009).

Portanto, a clareza das análises e a consistência dos dados devem conferir destaque a uma abordagem sistemática do processo de análise.

### **Considerações Finais**

O presente artigo buscou suscitar uma reflexão acerca dos fundamentos como método qualitativo, assim como premissas que orientam a prática do pesquisador na escolha da técnica de Grupos Focais na pesquisa em educação. Alertamos que a referida técnica deve estar apoiada em opção consciente acerca do que a ciência pretende desenvolver. Elaboramos este trabalho sem termos a pretensão de construirmos um ‘inventário completo’ sobre Grupos Focais, mas de propiciar subsídios para os pesquisadores que desejam incorporar a técnica ao seu arsenal profissional.

Os pesquisadores encontram nos grupos focais uma técnica que os ajuda na investigação de crenças, valores, atitudes, opiniões e processos de influência grupal, bem como dá suporte para a geração de hipóteses, a construção teórica e a elaboração de instrumentos (GONDIM, 2002).

Isto nos possibilita afirmar que se trata de uma técnica que pode ser usada quando o foco de análise do pesquisador é o grupo, enfatizamos que a prática do Grupo Focal é acessível aos aspectos que exigem mais atenção na sua explicação, visando aprimorar suas possibilidades e a reconhecer seus limites possibilitando a confiança nas interações grupais para a produção de dados consistentes. Apresentamos aspectos importantes no que diz respeito a utilização de Grupos Focais, pois a escolha desta técnica deve orientar-se pela aderência da mesma aos objetivos do estudo e a relevância dos dados que com ela se pode obter para o problema da pesquisa. Esclarecemos, ainda sobre critérios a serem utilizados nos procedimentos para o bom desenvolvimento da pesquisa.

No que diz respeito à abordagem analítica das interações, mostramos que o ponto de partida da análise, referente às transcrições se estabelecem com a sistematização dos dados, ou seja, com a organização dos dados coletados, porém alertamos que há muito caminho a se percorrer para superar as dificuldades que impõem limites à análise grupal.

## Referências

BARBOUR, Rosaline. **Grupos focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009. Tradução Marcelo Figueiredo Duarte.

COSTA, Maria Eugênia Belczar. Grupo Focal. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas S.A., 2005.

CRUZ NETO, Oliveira; MOREIRA, Marcelo Rasga; SUCENA, Luiz Fernando Mazzei. Grupos focais e pesquisa social qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 13., 2002, Ouro Preto. **Anais...** Minas Gerais: ABEP, 2002. Disponível em:

<[http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/com\\_juv\\_p0227.Netto.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/com_juv_p0227.Netto.pdf)>

Acessado em: 04/maio/2010.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília-DF: Líber livro, 2005.

GONDIM, Sônia M<sup>a</sup> Guedes. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia** (Ribeirão Preto), v. 12, n. 24, 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid)>. Acessado em: 04/maio/2010.

GUIMARÃES, Valter Soares. O grupo focal e o conhecimento sobre identidade profissional dos professores. In: PIMENTA, S.G.; GHEDIN, E.; FRANCO, M. A. S. (Org.). **Pesquisa em educação: alternativas investigativas com objetos complexos**. São Paulo: Loyola, 2006.